



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

PANDEMIA COVID-19 E CONSUMOS DE SUBSTÂNCIAS ILÍCITAS EM JOVENS COM COMPORTAMENTOS DELINQUENTES

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante-

Maria Beatriz Aibéo Cordeiro da Silva

Porto, julho de 2022



CATÓLICA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

PANDEMIA COVID-19 E CONSUMOS DE SUBSTÂNCIAS ILÍCITAS EM JOVENS COM COMPORTAMENTOS DELINQUENTES

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante -

Maria Beatriz Aibéo Cordeiro da Silva

Trabalho efetuado sob a orientação de

Professora Doutora Raquel Matos
Doutora Maria João Leote de Carvalho

Porto, julho de 2022

Agradecimentos

À Professora Doutora Raquel Matos, pela orientação, por todos os momentos de reflexão e por ser fundamental durante esta etapa tão importante.

À Doutora Maria João Leote de Carvalho, pelo cuidado e pelos conhecimentos transmitidos.

À Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) pelo apoio aos projetos JUST COVID 19 (CEDH) e YO&JUST (CICS-NOVA).

Aos Professores da Faculdade de Educação e Psicologia que ao longo destes cinco anos me ajudaram a formar enquanto pessoa e enquanto futura psicóloga.

Aos profissionais que participaram neste estudo, por toda a contribuição e partilha de conhecimentos.

À Rafaela, companheira neste percurso, pela muita paciência para me ouvir, orientar e estar sempre disponível todos os dias desta etapa, por chorares comigo e celebrares as minhas vitórias e por teres ocupado, inesperadamente, um lugar no meu coração. Um brinde a nós!

À Fabienne, pelas palavras de carinho e apoio e por me encorajar durante todo este percurso.

Aos meus pais, por me terem dado a oportunidade de fazer este percurso. Ao meu irmão, por me motivar diariamente.

Ao Pedro, por sempre acreditar em mim, por me motivar a continuar e pelo amor, especialmente nos momentos mais difíceis.

À Inês e à Maria por torcerem por mim, por me ouvirem durante horas e por sempre acreditarem que sou capaz, se o fui, também foi por vossa causa.

A todas as minhas amigas, pela força e apoio, e por estarem sempre lá para mim.

A todos vocês, só tenho a agradecer!

Resumo

Este estudo tem como objetivo perceber o impacto da pandemia covid-19 no uso de substâncias ilícitas por jovens com comportamentos delinquentes. O início precoce de uso de substâncias na adolescência tem sido associado ao aumento da delinquência e subsequente criminalidade, incluindo crimes violentos e risco de problemas graves mais tarde na vida (Gordon et al., 2004). À medida que a pandemia avançava, foram implementadas medidas de contenção (Duarte, 2020), que causaram nos jovens vários fatores de stress como o medo de serem infetados, angústia, solidão, ansiedade e depressão (Scalia et al., 2020). Estas variáveis podem ter causado alterações nos contextos e padrões de utilização de substâncias ilícitas. Para compreender tais mudanças foram entrevistados vários profissionais que trabalham com jovens com comportamentos desviantes e consumos de substâncias. Foi possível concluir que substâncias como canábis, heroína e crack se mantiveram estáveis ao longo da pandemia enquanto que outras como ecstasy e cocaína, associadas aos consumos recreativos, diminuíram. Existiram também alterações ao nível do mercado de compra e venda de substâncias, que se adaptou aos confinamentos.

Palavras-chave: pandemia covid-19; uso de substâncias, jovens; delinquência

Abstract

This study aims to understand the impact of the covid-19 pandemic on the use of illicit substances by young people with delinquent behaviours. Early onset of substance use in adolescence has been associated with increased delinquency and subsequent criminality, specifically including violent crime, and being at particularly high risk of serious problems later in life (Gordon et al., 2004). As the pandemic progressed, containment measures were implemented (Duarte, 2020), causing in young people various stressors such as fear of being infected, distress, loneliness, anxiety and depression (Scalia et al., 2020). These variables may have caused changes in the contexts and patterns of illicit substance use. To understand such changes several professionals who work with young people with deviant behaviours and drug use were interviewed. It was possible to conclude that substances such as cannabis, heroin and crack remained stable throughout the pandemic while others such as ecstasy and cocaine, associated with recreational use, decreased. There were also changes in the market for the purchase and sale of substances, which adapted to the confinements.

Keywords: Pandemic covid-19; drugs use; youth; delinquency

Índice

Introdução.....	7
Consumos de substâncias ilícitas em jovens	8
Consumos de substâncias ilícitas e comportamentos delinquentes.....	9
O impacto da pandemia no consumo de substâncias	11
O impacto da pandemia nos consumos de substâncias de jovens	12
Método	14
Participantes	14
Instrumentos	15
Procedimentos de recolha de dados	16
Referências	32
ANEXOS.....	41

Introdução

O uso de substâncias entre os jovens é uma preocupação devido à sua relação com a delinquência, comportamentos de risco como a atividade sexual prematura, criminalidade adulta subsequente, e outros problemas psicológicos e comportamentais. Para além disso, quando mais precocemente inicia, mais está associado não só a problemas graves de consumo, mas também a crimes violentos (Gordon et al., 2004). Da mesma forma, o início precoce da atividade criminosa tem sido associado ao desvio dos pares e da família, abandono escolar/más notas na escola, e outros comportamentos desviantes como a agressão e comportamento ameaçador (Gordon et al., 2004).

Para além disso, a adolescência é uma fase do desenvolvimento humano caracterizada pela aproximação aos pares (Figueiredo, 2002) e falta de autocontrolo (Sussman et al., 2003). Os pares, ao consumirem substâncias psicoativas vão pressionar os jovens a consumirem também (Vicario & Romero, 2005). Da mesma forma, a falta de autocontrolo entre os adolescentes é um forte preditor do consumo excessivo de substâncias, bem como a perpetração de crimes (Griffen et al., 2000).

Com o avançar da pandemia os jovens tiveram de lidar com vários stressores como o medo de serem infetados, angústia, solidão, ansiedade e depressão (Scalia et al., 2020) uma vez que logo no início foram implementadas medidas de contenção como o distanciamento social (Duarte, 2020), o encerramento das escolas e outros lugares que proporcionavam a aglomeração da população (Schmidt, 2020). Essas medidas trouxeram alterações aos consumos. Tendo em conta as restrições dos confinamentos, é percebido que os consumos ocasionais e em contextos recreativos diminuíram (Price et al., 2022).

Relativamente às substâncias consumidas, apesar de o uso canábico continuar estável (Imtiaz et al., 2021), o consumo de ecstasy, cocaína e anfetaminas diminuiu (Benschop et al., 2021; Price et al., 2022). Substâncias associadas a consumos mais graves, como heroína (Czeisler et al., 2020) ou crack (Roberts et al., 2021), mantiveram-se.

Considerando as mudanças ocorridas durante este período, este estudo objetiva compreender de que forma a pandemia covid-19 impactou os consumos de substâncias ilícitas em jovens com comportamentos delinquentes, nomeadamente nas alterações das substâncias consumidas, nos padrões de consumo, assim como nos locais e contextos de consumo pelos jovens.

Consumos de substâncias ilícitas em jovens

O uso de substâncias entre os jovens tem vindo a aumentar (Bhatia et al., 2021) e é uma preocupação significativa de saúde pública (Sarvey & Welsh, 2021). A fase da adolescência (10-24 anos), marcada pela transição, pode constituir um período de vulnerabilidade significativa (Sarvey & Welsh, 2021). Podem-se revelar certas inseguranças face às mudanças características destas idades. Para além disso, o desejo de pertencer a um grupo aliado à curiosidade, podem levar a que os jovens experimentem substâncias psicoativas (Mukherjee, 2021). Como esta fase do desenvolvimento costuma ser de experimentação e sensação de invencibilidade, marcada pela procura de novidades e baixo risco de perceção, os adolescentes utilizam substâncias em grupos e podem ter comportamentos de desrespeito pelas regras de conduta (Bhatia et al., 2021).

O envolvimento em comportamentos de risco pode ser explicado pela procura de sensações e baixo controlo dos impulsos característicos destas idades. A procura de sensações refere-se ao desejo de procurar experiências novas e emocionantes enquanto o controlo de impulsos refere-se à capacidade de parar e considerar potenciais consequências antes de agir (Wojciechowski, 2021). A predisposição para o consumo de substâncias prende-se com a relação que o jovem estabelece no meio que o rodeia onde estão inseridas variáveis ambientais e individuais (Mukherjee, 2021). Da mesma forma, estudos evidenciam que perturbações de ansiedade, quadros depressivos e perturbações de comportamento estão relacionadas com o desenvolvimento futuro de consumos e dependências de substâncias psicoativas (Courtney et al., 2020).

As substâncias psicoativas são definidas como drogas que quando consumidas provocam alterações comportamentais (SICAD, 2018). Podem ser classificadas de diferentes formas, tendo em conta vários critérios como o estatuto jurídico (lícitas ou ilícitas), tipo de alterações que provocam no sistema nervoso central, tipo de alterações no comportamento do usuário e a origem (naturais ou sintéticas) (Alarcon, 2012). Louis Chaloult (1971) divide-as em três grupos distintos: depressoras, estimulantes e alucinogénias. O primeiro grupo contém as substâncias que diminuem ou deprimem a atividade do cérebro tal como o álcool, benzodiazepinas, heroína, codeína, entre outras. As substâncias estimulantes aumentam a atividade cerebral e são exemplos a cocaína e anfetaminas. Por último, as drogas que modificam a qualidade do funcionamento cerebral podendo provocar alucinações tais como a canábis, LSD, ecstasy pertencem ao grupo das alucinogénias.

A maioria dos jovens enquadra-se num uso experimental, motivado pela curiosidade, prazer e identidade de grupo (Brunelle et al., 2005), não experienciando consumos

destruturados. No entanto, o consumo de substâncias é visto como um fator de risco que, aliado a outras problemáticas representa uma grande vulnerabilidade (Fergus & Zimmerman, 2005) pois é frequentemente associado a outros problemas de comportamento como crime, iniciação sexual precoce e baixo rendimento acadêmico, sendo estes consumos considerados comportamentos de risco (Dias, 2015). Para além disso, apesar de ser mais normativo um consumo pontual com os pares, esta iniciação precoce de consumos pode potenciar o desenvolvimento de consumos mais regulares e problemáticos (Mukherjee, 2021).

Os consumos dos jovens são feitos principalmente em locais que permitam a socialização (Gili et al., 2021) como discotecas ou bares (Feijão, 2010)

A canábis é a droga ilícita mais consumida em todas as faixas etárias, sendo que nos jovens adultos (15-34 anos) 14,4% da população europeia terá consumido canábis, no entanto, ao considerar apenas os jovens aos 15 aos 24 anos, a prevalência sobe para 18% tendo esse número uma tendência a aumentar até à pandemia covid-19 (OEDT, 2019). Esta droga é geralmente fumada misturada com tabaco em ambientes sociais e de convívio onde os padrões de consumo são maioritariamente ocasionais. Segundo o relatório do EMCDDA de 2016, nos inquéritos feitos à população jovem, 2 em cada 10 jovens relatavam já terem experimentado qualquer tipo de drogas, sendo a mais comum a canábis. Em segundo lugar encontram-se cocaína, ecstasy, anfetaminas sendo o acesso a estas fácil (Bellis & Hughes, 2004) e feito maioritariamente em festas e discotecas nas noites de fim-de-semana (Eaton et al., 2006)). Como substâncias poucos consumidas pelos jovens são referidas a heroína (Roy et al., 2007) e o crack (Narvaez et al., 2015).

Apesar da tendência de experimentar substâncias ser mais frequente na população masculina, nos últimos anos tem havido um aproximar da prevalência das raparigas face aos consumos dos rapazes (Balsa et al., 2018). Na população jovem, os contextos de consumos de substâncias mais frequentes estão associados a consumos entre amigos sendo a idade média para primeiro uso relatado de canábis, 13 anos. Alguns jovens ficam pela experimentação mas outros usam estas substâncias de forma regular (Leslie, 2008). A perceção de que as drogas prescritas são seguras parece justificar a crença de que o uso ocasional representa pouco risco (Friedman, 2006).

Consumos de substâncias ilícitas e comportamentos delinquentes

O estudo de D'Amico et al. (2008) sugere que o uso de substâncias e o comportamento delincente têm efeitos recíprocos, uma vez que para os três tipos de comportamentos

delinquentes (infrações interpessoais, patrimoniais e relacionadas com drogas), o uso de substâncias previu um comportamento delincente futuro. Ou seja, uso de substâncias pode prever comportamento criminoso e delincente subsequente em adolescentes (Bui et al., 2000). Ford (2005) afirma que o uso de substâncias enfraquece os laços sociais e conseqüentemente leva a um aumento do comportamento delincente. Da mesma forma, delinquência pode conduzir ao uso de substâncias uma vez que fornece um grupo de pares que são conducentes ao envolvimento deste uso (van den Bree & Pickworth, 2005).

Alguns jovens com comportamentos delinquentes são institucionalizados em diferentes tipos de instituição, no âmbito da justiça juvenil e no sistema de proteção, estando associado com o aparecimento de problemas de insucesso escolar e comportamento antissocial e delincente onde está presente o consumo de drogas (Fernandes & Carvalho, 2005).

A substância ilícita mais consumida pelos jovens com comportamentos delinquentes é a canábis sendo sobretudo de carácter ocasional, seguido de cocaína, ecstasy e anfetaminas (SICAD, 2017).

O contexto de uso de substâncias nos jovens com problemas de comportamento é principalmente feito com o seu grupo de pares (Dias, 2015). Existem também jovens com trajetória problemáticas que apresentam o consumo de cocaína, sendo que nestes casos o uso começa mais precocemente (Dias, 2015). Foi também observado que adolescentes utilizadores de mais do que uma substâncias estavam relacionados com comportamentos delinquentes. Assim como um padrão idêntico quando os pares têm consumos de álcool e marijuana (Blount & Dembo, 1984).

O impacto da pandemia nos consumos dos jovens

O vírus sars-cov-2 é uma nova estirpe, não identificada previamente em humanos de uma família de vírus que causam problemas desde uma constipação comum a doenças mais graves (WHO, 2020). A doença, mais tarde denominada covid-19, espalhou-se rapidamente, tendo a Organização Mundial de Saúde declarado em março de 2020 a situação de pandemia que pode ser definida como uma epidemia que ocorre globalmente e afeta geralmente um grande número de pessoas (WHO, 2020). Os efeitos da pandemia covid-19 têm-se demonstrado devastadores em várias áreas e sentidos em todo o mundo.

Como forma de lidar com a pandemia, a maior parte dos países adotou medidas de confinamento e isolamento social fazendo com que todas as atividades laborais, sociais, desportivas, comerciais e recreativas não essenciais fossem suspensas ou convertidas em teletrabalho (Capuano et al., 2021). Em Portugal foi anunciado que a partir de 16 de março de

2020 iriam encerrar todas as escolas, discotecas, centros comerciais, serviços públicos e restrições em restaurantes (Peixoto et al., 2020). No dia 19 de março desse ano, entrou em vigor o estado de emergência e o confinamento geral, sendo que em maio termina o estado de emergência e as medidas começam a ser levantadas por fases. Depois do estado de calamidade, em 24 de novembro entrou novamente em vigor o estado de emergência. Desde 2020 que as medidas de contenção têm oscilado entre mais ou menos restritivas, sendo os períodos mais críticos os dois confinamentos gerais do país.

Estas mudanças podem ser vistas como fatores de stress importantes que, para além de contribuírem para um sofrimento emocional generalizado, podem agravar situações psicológicas pré-existentes (Ammar et al., 2020). Esta experiência mostrou ainda ter graves implicações psicológicas incluindo sintomas depressivos, níveis de stress mais elevados, ansiedade, insónias, irritabilidade e ainda solidão (Ausín et al., 2021).

No caso dos jovens, alterações abruptas na rotina diária, assim como stress gerado por fatores da pandemia como instabilidade financeira, doença covid-19 na família, isolamento social de amigos e família, podem deixar os jovens vulneráveis à psicopatologia (Clemens et al., 2020), no entanto, a extensão dos efeitos psicológicos sobre os jovens só poderá ser verdadeiramente compreendida com o passar do tempo (Knowles, 2021).

O impacto da pandemia no consumo de substâncias

As consequências psicológicas da pandemia são relevantes para perceber o consumo de substâncias durante este período, uma vez que existe uma correlação positiva entre consumos e problemas de saúde mental devido a uma necessidade da diminuição dos sintomas (Manso, 2006) através de uma fuga da realidade (Zeferino et al., 2015).

A pandemia tem trazido vários desafios que podem ser antecipados como tendo um impacto profundo nos usos de substâncias, particularmente nos jovens (Bhatia et al., 2021). A quarentena pode contribuir para o stress e raiva e um aumento de comportamentos de risco como o consumo de drogas (Moreno et al., 2020), uma vez que o encerramento de escolas e a diminuição do contacto com os pares perturbou a rotina diária dos jovens (Bhatia et al., 2021) limitando os convívios (McCarthy et al., 2021), aliando isso ao stress normal de desenvolvimento, não havendo formas de o regular como atividades ao ar livre, estes fatores podem aumentar as taxas de utilização de substâncias (Bhatia et al., 2021). Investigações sobre anteriores surtos sugerem que o distanciamento social e os períodos de confinamento podem desencadear o abuso e a dependência destas, uma vez que os efeitos negativos do confinamento

na saúde mental podem levar a que os jovens procurem nas drogas uma forma de alívio das emoções negativas (Conversano et al., 2020).

O impacto da pandemia nos consumos de substâncias de jovens

O consumo aumentou substancialmente para pessoas que já o haviam feito anteriormente, devido à ansiedade e angústia relacionadas com a pandemia, existindo também riscos de consumos de substâncias por pessoas que agiram com desrespeito pelo distanciamento social (Taylor et al., 2021). Pessoas que consumiram canábis ou cocaína com maior frequência nos 30 dias anteriores ao confinamento eram mais propensas a consumir quantidades maiores num consumo (Mongan et al., 2020). No estudo de Roberts et al., 2021, um terço dos inquiridos referiram consumir mais drogas com as restrições da pandemia devido a sofrimento psicológico.

Foi reportado um aumento do uso de drogas como canábis e benzodiazepinas para lidar com a ansiedade e insónias numa gama de populações, incluindo utilizadores de drogas de alto risco, pessoas na prisão e utilizadores de drogas recreativas (EMCDDA, 2021). O estudo de Leatherdale et al. (2021), sugeriu que o consumo dos jovens com uso problemático se manteve estável durante o período inicial da pandemia, podendo aumentar quando existiam causas disruptivas na vida deles.

O relatório do Observatório Europeu da Droga e da Toxicod dependência (OEDT), lançado em 2021 sobre os consumos durante a pandemia refere que existiu um declínio em algumas formas de consumo de drogas durante os primeiros três meses de pandemia, principalmente devido ao confinamento, no entanto, esses níveis voltaram ao normal passado esse período de incerteza. Tendo em conta que os negócios foram obrigados a encerrar, existiu uma adaptação do mercado ou seja, a internet foi muito mais utilizada para serviços de compra e venda de substâncias, através de mensagens encriptadas e entrega ao domicílio, registando-se um aumento de vendas de canábis online durante os primeiros 3 meses de 2020 (Zaami et al., 2020).

Como o uso ilegal de drogas ocorre maioritariamente em espaços fechados devido à pandemia, as restrições à circulação tornam o uso de drogas agora em casa de uma forma mais arriscada, da mesma forma que a cessação ou redução do uso, assim como alterações do produto podem provocar alterações como menor tolerância e maior risco de overdose (Dietze & Peacock, 2020). Isto resulta, não só num aumento acentuado da procura, refletindo no preço.

uma vez que diminuiu a acessibilidade (Gili et al., 2021), mas também da redução da qualidade das substâncias (Leatherdale et al., 2021).

Uma vez que o consumo recreativo de drogas ocorre geralmente em grupos, a implementação do distanciamento social modificou os padrões e contextos de uso (Zaami et al., 2020), sendo que agora, cada vez mais tem existido um aumento de festas em plataformas online, ou seja, as pessoas ouvem ao vivo performances de DJ enquanto consomem drogas como o ecstasy, cocaína, LSD, e anfetaminas (Palamar & Acosta, 2020). Da mesma forma, aumentou o uso de várias substâncias psicoativas como álcool e canábis, no entanto, drogas sintéticas recreativas tal como MDMA diminuiu, provavelmente devido ao encerramento de discotecas e bares (Jemberie et al., 2020).

Foi possível perceber que as taxas atuais de uso de substâncias nos jovens foram afetadas pela pandemia, principalmente pelo encerramento das escolas, uma vez que a maior parte dos adolescentes fazem estes consumos por razões sociais e pode ser menos provável que consumam sozinhos, sendo então este comportamento limitado durante a pandemia (Dumas et al., 2020), muitos porque se encontravam também bastante assustados com a pandemia (Mós, 2021). Como os consumos ocorrem principalmente na socialização com os pares, longe do controlo dos pais, com o confinamento, alguns jovens reduziram o consumo devido a uma maior supervisão parental (Rogés et al., 2021). No entanto, a tecnologia mudou também a forma como estes jovens interagem sendo possível criar contextos sociais outrora não disponíveis, estando com os amigos por videochamada e a consumir drogas (Dumas et al., 2020). Durante o confinamento, existem ainda adolescentes que quando confrontados com maior stress e solidão, envolveram-se no uso de substâncias como forma de lidar com a situação (Dumas et al., 2020). A situação pandémica pode ter um impacto na saúde mental destes jovens que consequentemente correm o risco de desenvolver problemas como depressão, ansiedade e má regulação emocional ou seja, o uso de substâncias pode ter surgido como estratégia de resposta entre os adolescentes para lidar com sentimentos negativos, principalmente os que se encontram mais isolados (Dumas et al., 2020).

Existem também situações onde os consumos tiveram lugar em casa com os pais ou outros membros da família (Rogés et al., 2021). Um estudo centrado no uso de substâncias entre os adolescentes durante a pandemia mostrou também um aumento na frequência do uso de canábis com um número significativo de jovens a ignorarem o distanciamento social (Bhatia et al., 2021). Estes jovens tendem também a ter comportamentos delinquentes e um desrespeito pelas regras de conduta (Bhatia et al., 2021).

Tendo em conta que a pandemia covid-19 é um acontecimento recente, não foram encontrados estudos que a relacionem com consumos de substâncias em jovens com comportamentos delinquentes. É esse o objetivo desta investigação.

Método

O objetivo geral desta investigação é compreender o impacto da pandemia covid-19 nos usos de substâncias ilícitas de jovens com comportamentos delinquentes, a partir das perspetivas de profissionais que trabalham com delinquência juvenil e/ou com usos de substâncias. Especificamente, pretende-se compreender as perspetivas dos profissionais sobre:

- as alterações nas substâncias consumidas pelos jovens durante a pandemia;
- as mudanças nos padrões de usos de substâncias pelos jovens durante a pandemia;
- as modificações nos locais e contextos de uso de substâncias pelos jovens durante a pandemia.

Para atingir esses objetivos, o presente estudo seguiu uma orientação qualitativa que se traduz numa abordagem natural e interpretativa (Denzin & Lincoln, 2000), onde se procura compreender os fenómenos em estudo, ao perceber como os indivíduos interpretam as suas vivências e os significados que dão às suas experiências (Merriam & Tisdell, 2015). A investigação qualitativa não pode ser medida em termos de quantidade, valor, intensidade ou frequência (Denzin & Lincoln, 2000). A análise dos dados assentou em procedimentos de análise de conteúdo que, segundo Bardin (2009) procura entender a interpretação das palavras, neste caso, através de entrevistas.

Participantes

Tendo em conta a natureza deste estudo, o procedimento de amostragem foi não probabilístico, ou seja, os participantes foram escolhidos intencionalmente de forma a refletir características particulares ou de grupos dentro da população amostrada (Ritchie et al., 2013).

Esta amostragem intencional *a priori* tem, principalmente dois propósitos, assegurar que todos os fatores relevantes para a investigação estão presentes e também assegurar que dentro de cada critério exista alguma diversidade de modo a que o impacto da característica em questão possa ser explorado (Ritchie et al., 2013).

A amostra deste estudo tem como critérios de inclusão o exercício de funções na área da justiça juvenil, na área da proteção e promoção, ou na área do consumo de substâncias, e o contacto de forma direta ou indireta com jovens que usam substâncias ilícitas. Era necessário

que estivessem em funções antes do período pandémico. O acesso aos profissionais foi feito através de pedido às instituições em que trabalham, aos seus superiores hierárquicos ou diretamente aos profissionais.

A tabela 1 sintetiza a caracterização da amostra, composta por oito participantes (n=8). Do total dos participantes, somente um (n=1) era do sexo masculino. Dois profissionais (n=2) pertenciam a equipas tutelares educativas, um (n=1) trabalhava numa equipa de promoção e proteção e quatro na área dos usos de substâncias. De notar que o trabalho destes profissionais com jovens com comportamentos delinquentes é distinto. Consoante a instituição onde trabalham e as funções que exercem, os profissionais podem contactar com jovens com comportamentos de risco, incluindo também mas não só comportamentos delinquentes (e.g., CPCJ), podem trabalhar com jovens sinalizados formalmente por comportamento delincente (e.g., área tutelar educativa), ou podem ainda ter contacto sobretudo com comportamentos desviantes, como usos de substâncias, e menos com comportamentos delinquentes.

Os participantes eram ou da região centro (n=6) ou da região norte (n=2).

A maioria (n=5) tinham como formação académica psicologia, um participante (n=1) em antropologia, um participante (n=1) em ciências da educação e por fim, um profissional (n=1) em estatística.

Tabela 1.

Caracterização dos profissionais entrevistados

Participantes	Sexo	Área	Anos na área	Região	Formação académica
P1	F	Promoção e Proteção	3	Norte	Psicologia
P2	F	Tutelar Educativa	34	Centro	Psicologia
P3	F	Tutelar Educativa	13	Centro	Ciências da Educação
P4	F	Usos de substâncias	24	Centro	Estatística
P5	M	Usos de substâncias	21	Centro	Antropologia
P6	F	Usos de substâncias	18	Centro	Psicologia
P7	F	Usos de substâncias	37	Norte	Psicologia
P8	F	Usos de substâncias	22	Centro	Psicologia

Instrumentos

Para responder aos objetivos definidos, foi utilizado como instrumento um guião de entrevista semi-estruturada. Desta forma é possível guiar as questões-chave mas ao ser flexível permite explorar outros tópicos importantes e obter informação espontânea (Digneffe et al., 1997).

Uma vez que se pretende aceder às perceções que os profissionais têm acerca das alterações nos consumos de substâncias durante a pandemia, o guião de entrevista formulado tinha como objetivos compreender e caracterizar o percurso da delinquência juvenil no decurso da pandemia covid-19, perceber o impacto desta na intervenção com jovens com medida tutelar e educativa e ainda conhecer propostas para melhorar o sistema de justiça juvenil em situações futuras de pandemia. Sendo um guião construído no âmbito de um projeto de investigação mais vasto, não contemplava especificamente o tema dos consumos. No entanto, este acabou por surgir de forma espontânea pelos participantes. À medida que se avançou na recolha dos dados, o guião foi sendo refinado e colocaram-se questões específicas para caracterizar os jovens consumidores e os seus comportamentos assim como compreender o impacto da pandemia nos consumos de substâncias ilícitas em jovens. Foram incluídas questões para explorar os padrões e trajetórias de consumos como as substâncias mais consumidas, locais e contextos sociais de consumo em função da idade, género e outras variáveis. Foram também colocadas questões para explorar a relação entre consumos de substâncias ilícitas e os comportamentos delinquentes em jovens, assim como alterações nos consumos de substâncias dos jovens durante a pandemia, em particular nos períodos de confinamento, focando nos tipos de substâncias, frequências de consumos, locais e contextos sociais de consumo.

Procedimentos de recolha de dados

As entrevistas foram realizadas através de videochamada (ZOOM), e gravadas em áudio para posterior transcrição e análise. A recolha de dados foi realizada entre março de 2021 e junho de 2022 e foi realizada, maioritariamente, por membros da equipa de investigação,

De forma a assegurar as questões éticas e deontológicas, foi pedida autorização à instituição responsável ou diretamente aos profissionais para a realização das entrevistas. Para além disso, os participantes assinaram um consentimento informado escrito (Anexo 1) que contemplava a descrição do projeto, os objetivos do guião de entrevistas e as condições de participação, assegurando a confidencialidade e anonimato dos participantes.

Antes da recolha de dados foram explicados os objetivos e todos os passos do estudo aos participantes, que tomaram conhecimento de que a participação era voluntária e que podiam, a qualquer momento, não responder, terminar a entrevista e retirar dados.

Procedimentos de tratamento e análise de dados

Tendo em conta que o objetivo principal nesta metodologia é compreender o significado que as pessoas atribuem a acontecimentos e ações (Coutinho, 2011), as entrevistas realizadas

aos participantes foram transcritas na íntegra, o que possibilitou uma primeira imersão no material (Charmaz, 2005). As entrevistas transcritas foram analisadas num procedimento de análise de conteúdo, que se traduz numa interpretação do conteúdo retirado das entrevistas (Bardin, 2009). Esta análise iniciou-se com a leitura flutuante que permitiu identificar os indicadores presentes na construção da grelha, ou seja, tomou-se contacto com os documentos a analisar (Bardin, 2009). Posteriormente foi feita uma caracterização da população em estudo assim como um sistema de categorias que foi construído a partir de indicadores previamente identificados, tendo este processo sido definido e redefinido de forma a aperfeiçoar (Charmaz, 2005). Após estas etapas foi possível inferir conclusões de forma a responder aos objetivos projetados.

Existem procedimentos nas várias etapas do estudo de forma a garantir a validade da investigação, nomeadamente na amostragem, onde a amostra tem de ser composta por elementos que melhor possam assegurar conhecimento sobre o tópico de forma a que se consiga atingir saturação dos dados a recolher (Coutinho, 2008); no instrumento, a validade consegue-se através uma combinação de vários elementos principalmente no papel do investigador que precisa de observar o contexto cultural e histórico dos participantes assim como o objetivo de estudo em si (Ribeiro, 2008); na recolha de dados qualitativa é necessário ter em conta a coerência metodológica, ou seja, garantir uma articulação entre os objetivos do estudo e os procedimentos metodológicos (Coutinho, 2008); por fim, na análise de dados, a validade é conseguida ao utilizar excertos das entrevistas que sejam elucidativas das categorias escolhidas (Silva, 2012).

Procurando responder a essas recomendações, neste estudo foi garantida a intencionalidade da amostragem sendo os profissionais entrevistados representativos do fenómeno em estudo; a validade do instrumento garantiu-se ao realizar a entrevista, onde não se teceram juízos de valor e responderam-se a todas as dúvidas que os participantes colocaram, adequou-se o método aos objetivos do estudo para garantir a validade na recolha de dados e finalmente, foram selecionados os conteúdos ditos nas entrevistas, mais pertinentes para responder aos objetivos do estudo, garantindo-se a validade dos resultados.

Apresentação e discussão dos resultados

Para a apresentação dos resultados, será feita, inicialmente (A), uma breve descrição das perceções dos profissionais sobre os jovens consumidores e os seus padrões de consumo, assim como sobre a relação entre os consumos de substâncias e os comportamentos delinquentes. Esta breve descrição, permitirá conhecer melhor a experiência dos participantes sobre o fenómeno

em estudo, assim como enquadrar os resultados sobre os impactos da pandemia nos consumos de substâncias ilícitas em jovens.

Na secção seguinte (B), será realizada uma descrição das categorias constantes do sistema geral de categorias (anexo 2) construído a partir da análise do conteúdo das entrevistas. Serão apresentados excertos exemplificativos retirados das entrevistas ao longo da apresentação dos resultados para melhor ilustrar cada categoria. Ao longo da secção, vai-se progredindo para uma discussão dos resultados com base em literatura.

A. Perceção geral dos profissionais sobre os jovens, os seus padrões de consumo e a relação entre os consumos de substâncias e os comportamentos delinquentes

A maioria dos participantes situa a idade de início de consumo de canábis nos jovens entre os treze e os quinze anos, sendo que quando se toma em conta outras substâncias o consumo é normalmente iniciado a partir dos dezassete anos. É de realçar que estes consumos, quando iniciados, na sua maioria permanecem estáveis, não se agravando ao longo do tempo.

Apesar de, relativamente aos últimos anos, ser percecionada pelos profissionais uma aproximação entre géneros no que diz respeito aos consumos, consideram que existe uma prevalência maior de usos de substâncias no género masculino. Esse predomínio destaca-se mais quando se referem aos comportamentos de risco, assim como à média de consumo diário. Apesar destas diferenças, os profissionais referem que ambos os géneros consomem principalmente por razões sociais, em contextos recreativos como festas mas também em locais de socialização com os pares, no entanto, existem ainda outras motivações percecionadas pelos participantes, salientando a pressão do grupo de pares quando o grupo é constituído, na sua maioria, por jovens que consomem, o uso de substâncias para fugir aos problemas e melhorar o estado de espírito, sendo que esta é uma motivação maioritariamente referida pelo género feminino. Para além disso, é mencionado o uso de substâncias como automedicação para problemas de saúde diagnosticados sejam eles físicos ou mentais e por último é referido a curiosidade como uma grande motivação, uma vez que os jovens se encontram numa fase de desenvolvimento conhecida pela experimentação.

No que diz respeito à relação entre os consumos de substâncias e os comportamentos delinquentes, os profissionais parecem concordar que o consumo de substâncias aumenta o risco de os jovens virem a ter comportamentos considerados delinquentes, no entanto, não percecionam essas variáveis como tendo uma relação direta entre si, na maioria dos casos. Existem por vezes relações com certos delitos como furto e roubo para conseguirem recursos

para consumir, assim como muitos jovens se dedicam ao tráfico e acabam por consumir decorrente do acesso às substâncias, apesar disso, existem outros delitos que estes jovens cometem, referidos pelos profissionais, mas que não decorrem diretamente dos consumos como destruição do património público, violência doméstica e abuso sexual. Por esses motivos, os jovens acabam por ter processos tutelares educativos, processos de promoção e proteção e também são acompanhados em consulta de dissuasão de consumo de substâncias.

É importante sublinhar, como foi referido na caracterização da amostra, que os profissionais entrevistados trabalham todos com jovens, mas em áreas distintas de atuação, como a promoção e proteção, o tutelar educativo e o uso de substâncias. Nesse sentido, as suas perspetivas são informadas por experiências de trabalho distintas, consoante a sua área de intervenção. Como expectável, quer os profissionais das equipas de reinserção social quer o técnico da CPCJ focam mais o seu discurso no comportamento delincente juvenil.

Contudo foi perceptível através do discurso dos profissionais das áreas dos consumos que a maioria dos jovens com quem trabalham são encaminhados por entidades que intervêm no âmbito da justiça juvenil (eg., CPCJ ou DGRSP). Efetivamente, é referido por estes profissionais que uma parte significativa dos jovens que acompanham já estão sinalizados com processo tutelar educativo. Segundo referem, o acompanhamento que fazem a estes jovens referenciados é no sentido de proporcionar uma intervenção multidisciplinar ao comportamento delincente e compreender se a sinalização devido aos consumos é efetivamente o problema central do jovem.

É também interessante perceber que o discurso dos profissionais associados ao tutelar educativo relativo aos consumos é mais direcionado para o tráfico, ou seja, têm a seu cargo o acompanhamento de jovens que entram com medidas tutelares educativas por terem traficado e que apresentam consumos pontuais. Uma vez mais, é importante compreender a centralidade dos consumos e dos comportamentos delinquentes na vida do jovem e nos seus problemas.

Isto leva-nos a refletir que, apesar das áreas de intervenção serem distintas, os discursos dos diferentes profissionais apresentam várias interseções e coerências. Por outro lado, também podemos encontrar perspetivas distintas em profissionais que trabalham na mesma área.

B. Descrição das categorias

1. Substâncias

Foi criada a categoria substâncias onde foram codificados todos os excertos das entrevistas onde os profissionais referem as alterações nas substâncias consumidas pelos jovens durante a

pandemia, que foi dividida em subcategorias para facilitar a leitura e compreensão dos resultados, incluindo canábis/haxixe, ecstasy, cocaína, heroína, crack e anfetaminas.

1.1. Canábis/haxixe

Dos profissionais entrevistados, cinco referiram que a canábis era a substância mais consumida pelos jovens antes da pandemia (eg; *“O que nós sabemos é que entre os jovens, não é, a canábis é a substância de longe, a substância ilícita, de longe, mais consumida (...)”* P5). Um participante mencionou que esta foi a que sofreu menos alterações durante a pandemia (eg; *“Mas há diferenças consoante as substâncias, então, a substância que sofreu menos alterações no sentido da diminuição foi a canábis.”* P6), continuando a ser a substância mais consumida, pelos jovens em geral mas também por aqueles sinalizados por comportamentos delinquentes, durante a pandemia, segundo referem três profissionais (eg; *“A substância ilícita mais consumida é a canábis que é mais consumida usualmente e também durante a pandemia.”* P6). Para além disso, também foi referido por um profissional que esta substância está associada a consumos sociais (eg; *“A canábis também está muito ligada à socialização (...)”* P4). Depois da pandemia, um participante refere estar a ter mais casos de consumo (eg; *“E tenho tido mais casos de consumos, sim, haxixe, sobretudo não é.”* P3).

Estes dados vão ao encontro do relatório da OEDT de 2019, que refere a canábis como a substância ilícita mais consumida pela população em geral, tendo uma maior prevalência nos jovens dos 15 aos 24 anos. Apesar de os jovens consumidores desta substância terem, na sua maioria um padrão de uso ocasional em ambientes de convívio social (Fernandes & Carvalho, 2005), a canábis sofreu poucas alterações durante a pandemia, como visto nos resultados e no estudo de Imtiaz et al. (2021) que demonstra que o consumo de canábis se manteve estável durante o período da pandemia. Nessa mesma investigação também se conseguiu perceber que cerca de metade dos participantes relatou que após os períodos de confinamento, aumentou o consumo de canábis, assim como foi visto nos resultados ilustrados em cima.

1.2. Ecstasy

Dois profissionais referiram que existia um consumo significativo pelos jovens, desta substância, antes da pandemia (eg; *“Eventualmente também, e em alguns contextos acredito que haja bastante consumo ou algum consumo significativo também de substâncias tipo ecstasy e associadas, mais em contexto de festas.”* P8). Três participantes associam o consumo desta substância a contextos recreativos (eg; *“Depois, em segundo lugar vem a cocaína e o ecstasy, nomeadamente entre a população jovem, muito direcionada a contextos, portanto, um consumo*

que tem predominantemente lugar em contextos recreativos e em momentos de sociabilidade.” P5). É mencionado por dois participantes que os consumos de ecstasy diminuíram durante a pandemia (eg; *“Até o ecstasy, e aí o ecstasy eu creio que neste caso, a percentagem dos jovens que diminuem o consumo até é maior do que do que a que mantém, eu acho que é tipo metade dos jovens diminuiu, declara que diminuiu o consumo de ecstasy.”* P6).

Estes resultados são reportados na literatura, uma vez que o ecstasy se encontra em segundo lugar das substâncias mais consumidas pelos jovens antes do período pandémico (Hughes & Bellis, 2004). Tendo em conta que o consumo desta substância é feito principalmente aos fins-de-semana, em festas ou discotecas (Eaton et al., 2006), faz sentido o uso de substâncias como o ecstasy ter diminuído durante a pandemia devido à falta de situações sociais e locais de consumo recreativos (Benschop et al., 2021).

1.3. Cocaína

Esta substância foi considerada como um das mais consumidas entre a população jovem por um participante (eg; *“Depois, em segundo lugar vem a cocaína e o ecstasy, nomeadamente entre a população jovem.”* P5). A cocaína está associada a consumos em contextos recreativos como menciona um profissional (eg; *“Depois, em segundo lugar vem a cocaína e o ecstasy, nomeadamente entre a população jovem, muito direcionada a contextos, portanto, um consumo que tem predominantemente lugar em contextos recreativos e em momentos de sociabilidade.”* P5). Dois participantes referem que o consumo desta substância diminuiu durante a pandemia (eg; *“Depois, em segundo lugar vem a cocaína e o ecstasy (...) e portanto, previsivelmente, pelo menos na fase inicial da pandemia, quando houve aqueles confinamentos e a restrição da atividade económica e destes, da associação, previsivelmente, terá diminuído.”* P5). É também referido por um profissional que houve um menor acesso à substância durante a pandemia *“eg; (...), mas heroína, cocaína, são coisas que tiveram menos acesso e que eles próprios decidiram reduzir depois a frequência.”* P8).

A literatura vai ao encontro daquilo que os profissionais reportaram, uma vez que se pode considerar a cocaína como uma substância que era bastante consumida pelos jovens no período de tempo antecedente à pandemia (Bellis & Hughes, 2004). A diminuição do uso desta substância pode ser associada ao encerramento dos contextos recreativos, mas também, e de acordo com a investigação de Price et al. (2022), os consumidores jovens reduziram o consumo de cocaína para quase metade durante o período de confinamento, sendo que um em cada quatro participantes refere que foi devido a uma menor disponibilidade da substância.

1.4.Heroína

Esta substância foi referida por um profissional como pouco consumida pelos jovens antes da pandemia (eg; *“Este padrão de consumo de heroína e de crack é muito pronto, é pequena e comparado em comparação com o resto dos grupos etários(...)”* P6). Enquanto que um participante percebeu que os consumos de heroína se mantiveram (eg; *“Este padrão de consumo de heroína (...), mas no fundo, como exemplo de padrões de consumo potencialmente mais problemáticos foi precisamente relativamente a estas duas substâncias que houve mais manutenção, não é, que não houve alterações.”* P6), outro participante mencionou que os consumos diminuíram durante a pandemia (eg; *“(...) mas heroína, cocaína, são coisas que tiveram menos acesso e que eles próprios decidiram reduzir depois a frequência.”* P8). Um participante referiu ainda que existiu um menor acesso a esta substância durante a pandemia (eg; *“(...)mas heroína, cocaína, são coisas que tiveram menos acesso e que eles próprios decidiram reduzir depois a frequência.”* P8).

Assim como percebido neste estudo, o uso de heroína pelos adolescentes não é muito elevado (Roy et al., 2007). Para alguns jovens, o consumo manteve-se, como visto no estudo de Czeisler et al. (2020) onde entre 3,6% e 17,5% dos participantes manteve o consumo de heroína durante a pandemia. É referido que o acesso a esta substância se alterou, uma vez que fecharam fronteiras e conseqüentemente houve menos disponibilidade, assim como o aumento do preço de venda influenciou a diminuição do consumo durante o período da pandemia (Gili et al., 2021).

1.5.Crack

Um profissional refere que esta é uma substância pouco consumida pelos jovens portugueses (eg; *“Este padrão de consumo de heroína e de crack é muito pronto, é pequena e comparado em comparação com o resto dos grupos etários(...)”* P6). No entanto, esse mesmo profissional menciona que o consumo da substância manteve ao longo do período da pandemia (eg; *“Este padrão de consumo de heroína e de crack (...), como exemplo de padrões de consumo potencialmente mais problemáticos foi precisamente relativamente a estas duas substâncias que houve mais manutenção, não é, que não houve alterações.”* P6).

Apesar de não ser uma substâncias muito consumida pelos jovens, como visto nos resultados, há uma prevalência maior na idades entre os 18 e os 24 anos (Narvaez et al., 2015). A manutenção do consumo de crack pode ser explicada por dados encontrados num estudo (Roberts et al., 2021), onde é referido que os consumidores utilizavam esta substância porque estavam em casa e se sentiam aborrecidos, para além disso, estes consumos podem ser

explicados pelo facto de esta ser uma substância que os jovens não consomem em momentos de socialização.

1.6. Anfetaminas

Um participante mencionou que esta foi uma substância onde os consumos diminuíram durante a pandemia (eg; *“Também o consumo de anfetaminas são as duas, os dois tipos de produtos que os jovens mais mencionam a redução do consumo, mas de todo o modo como já disseram.”* P6).

A diminuição do consumo de anfetaminas é percebida também na investigação de Price et al. (2022), uma vez que é um consumo feito em ocasiões sociais, ou seja, durante a pandemia, como existiram menos oportunidade de sair, esta pode ser a razão para um menos consumo durante a pandemia.

2. Padrões de consumo

Foi criada a categoria padrões de consumo onde foram codificados todos os excertos das entrevistas onde os profissionais referem as mudanças nos padrões de uso de substâncias pelos jovens durante a pandemia, que foi dividida em subcategorias para facilitar a leitura e compreensão dos resultados, incluindo consumos ocasionais e consumos frequentes.

2.1. Consumos ocasionais

Quatro profissionais referem que a maior parte dos jovens tem um padrão de consumo ocasional (eg; *“Se de facto mantém um consumo ocasional ao fim de semana ou então é uma coisa que semanalmente acontece sempre aí já tenho as minhas dúvidas de qualquer forma nas situações que eu atendi não me parece que sejam situações com muita intensidade ou com uma regularidade de consumo tão intensa assim, é uma coisa mais ocasional mais pontual ou mesmo que tenha alguma regra é uma regra de algum espaçamento de festas de fins de semanas com amigos coisas desse género. Eu diria que é pontual, é pontual.”* P7). Os consumos ocasionais são associados por quatro profissionais a contextos recreativos (eg; *“Exato, mas se calhar a mais pontual, não é mais das festas e consomem quando vão aos festivais.”* P8).

Como mencionado por dois profissionais, o consumo dos jovens com um padrão de uso ocasional diminuiu durante a pandemia (eg; *se calhar de uma forma geral os jovens que só saiam à noite ao sábado e que durante a semana até cumpriam tudo e que havia ali, como nós sabemos, consumos pontuais e exageros pontuais durante a semana, se calhar nesses houve uma diminuição porque não vão sair, não vão para esses ambientes.”* P1).

Na população jovem, os padrões de consumos de substâncias são ocasionais e estão associados a consumos entre amigos, quando se olha para os dados anteriores à pandemia (Leslie, 2008), como visto nos resultados. Por esse motivo, a impossibilidade de estar fora de casa em convívios sociais devido às restrições impostas durante a pandemia pode explicar a redução de consumos de substâncias nos jovens com um padrão de consumo ocasional (Zaami et al., 2020).

2.2. Consumos frequentes

Dois profissionais têm a percepção que existem alguns jovens com consumos frequentes graves (eg; *“Aqui o que é que nós encontramos nos miúdos que me caem em consulta, eu tenho quer aqueles que mantêm consumos com uma regularidade até preocupante, estou a pensar em miúdos que consomem todos os dias, alguns até consomem mesmo independentemente do que têm para fazer e antes de ir para a escola” P7*). Enquanto dois profissionais referem que o consumo dos jovens com um padrão de uso frequente se manteve durante a pandemia (eg; *“Agora naqueles casos que realmente já eram graves, a minha perspetiva é que eles conseguiram manter esses consumos.” P1*), um profissional menciona que esses consumos aumentaram durante a pandemia (eg; *“Um dos subgrupos em que a probabilidade de aumentar o consumo era maior, era precisamente aqueles que já tinham previamente consumos mais intensivos e já tinham tido problemas mesmo relacionados com o consumo.” P6*).

Estes resultados vão ao encontro da literatura, existindo jovens que utilizam substâncias de forma regular, sendo que alguns de forma alarmante em termos de frequência, necessitando de intervenção nos fatores de risco (Roy et al., 2007). Um estudo sugeriu que o consumo dos jovens com uso problemático se manteve estável durante o período inicial da pandemia, mostrando também que não existiram diferenças significativas no consumo da população que fazia uso frequente de substâncias (Leatherdale et al., 2021). De qualquer das formas existem razões para o aumento de consumos durante a pandemia covid-19 como aborrecimento, disrupção das rotinas causadas pelo confinamento e mudanças de vida (Gili et al., 2021).

3. Locais e contextos de consumo

Foi criada a categoria locais e contextos de consumo onde foram codificados todos os excertos das entrevistas onde os profissionais referem as modificações nos locais e contextos de uso de substâncias pelos jovens durante a pandemia, que foi dividida em subcategorias para facilitar a leitura e compreensão dos resultados, incluindo locais de consumo e contextos de consumo.

3.1. Locais de consumo

Um profissional refere a rua como o espaço frequente de consumos dos jovens antes da pandemia (eg; *“Juntam-se mais todos num sítio, estão mais na rua não estão tão protegidos, andam mais a pé.”* P7). Durante a pandemia os consumos passaram a ser realizados em espaços mais privados, como mencionado por dois profissionais (eg; *“O que eu achei é que o consumo passou a ser mais em casa dos amigos do que na rua, porque eram facilmente apanhados portanto passou a ser um consumo mais escondido, as pessoas estavam mais enfiadas em casa por causa de todas as limitações.”* P8). Um participante mencionou ainda que existiam consumos em cafés à porta fechada (eg; *“E, portanto, eu decidi manter, porque ficaram muito desorganizados no primeiro confinamento, as pessoas mantiveram os seus consumos, mantiveram os seus encontros em casa uns e doutros, havia cafés que continuavam a trabalhar nas caves, mesmo estando interdito do lado de fora.”* P8).

Os resultados do estudo de Feijão (2010) vão ao encontro dos resultados desta investigação, uma vez que demonstram que os principais locais de consumo dos jovens antes da pandemia são exteriores, como discotecas e bares, por vezes até mesmo na rua. É evidenciado no estudo de Roberts et al. (2021), que as pessoas durante a pandemia começaram a consumir mais em casa, isolados, possivelmente por causa da proibição de sair de casa e consequente policiamento das ruas. No entanto, no que diz respeito a consumos em espaços supostamente encerrados durante a pandemia, não existe literatura presumivelmente pela dificuldade de acesso a estes consumos em locais clandestinos.

3.2. Contextos de consumo

Três profissionais têm a perceção de que os jovens consomem predominantemente em contextos recreativos (eg; *“Hoje parece-me que aquilo que é mais prevalente é mesmo a questão do consumo para a festa não é sempre foi um bocadinho consumir para estar com os amigos e tudo mais mas podia ser num contexto mais tranquilo, uma coisa mais calma hoje em dia, a questão de associar festa e consumo parece-me muito marcada.”* P8). Tal como é mencionado por um participante, os consumos dos jovens em contexto de uso recreativo diminuíram durante a pandemia como menciona um participante (eg; *“(…) um consumo que tem predominantemente lugar em contextos recreativos e em momentos de sociabilidade (…) previsivelmente, terá diminuído.”* P5). Um profissional menciona ainda que os contextos recreativos se encontravam fechados durante o período da pandemia (eg; *“(…) um consumo que tem predominantemente lugar em contextos recreativos e em momentos de sociabilidade e*

portanto, previsivelmente, pelo menos na fase inicial da pandemia, quando houve aqueles confinamentos e a restrição da atividade económica (...)” P5).

É reiterado na literatura que, na população jovem, os contextos de consumo são maioritariamente recreativos, associados a consumos entre amigos (Leslie, 2008), principalmente em locais que permitam a socialização como discotecas e bares (Gili et al., 2021). Uma vez que a interação social foi limitada com a implementação da quarentena e das medidas de confinamento, assim como os locais de consumo foram fechados e os festivais cancelados (Price et al., 2022), não é surpreendente que os consumos feitos predominantemente em contextos recreativos tenham reduzido.

4. Mercado

Foi criada a categoria mercado, onde foram codificados todos os excertos das entrevistas em os profissionais referem as alterações no mercado de compra e venda de substâncias durante a pandemia. Esta categoria foi dividida em subcategorias para facilitar a leitura e compreensão dos resultados, adaptação do mercado, menos acessibilidade e drogas menos adulteradas.

4.1. Adaptação do mercado

Um participante refere que o mercado se adaptou às alterações impostas durante a pandemia (eg; *“E o mercado também se adaptou, também se adaptou a estas necessidades.”* P6). Dois participantes mencionam que durante a pandemia a aquisição de substâncias era feita através da internet (eg; *“Mas é assim, quem compra arranja sempre maneira de comprar e quem venda arranja sempre maneira de vender, pronto e aí o uso da internet passou a ser maior, não é?”* P8).

Os resultados são congruentes com a literatura que evidenciou que, em virtude das restrições de circulação, assim como os locais primários de consumo estarem fechados, o mercado se adaptou, sendo que o uso da Internet se tornou predominante para compra e venda de substâncias (Zaami et al., 2020).

4.2. Menos acessibilidade

A acessibilidade às substâncias ter diminuído durante a pandemia é referido por dois profissionais (eg; *“Diminuiu a acessibilidade e diminui, obviamente, a frequência do consumo.”* P8).

Estes resultados podem ser explicados com base na literatura, uma vez que durante o período de confinamento, como as fronteiras estavam fechadas, a disponibilidade das

substâncias reduziu-se, o que causou que o preço das substâncias aumentasse devido à elevada procura (Gili et al., 2021). O ecstasy e a cocaína foram referidas como as substâncias mais difíceis de obter durante este período (Price et al., 2022).

4.3. Drogas menos adulteradas

Um participante menciona que a pandemia fez com que as drogas fossem menos adulteradas (eg; *“Acho que com a pandemia, alguns ficaram um bocadinho mais seletivos, portanto, nas suas escolhas, no que compram e a quem e não houve tanta acessibilidade, tanta porcaria, não é, drogas tão adulteradas como dantes.”* P8).

Apesar de ser percebido neste estudo que a pureza das substâncias se manteve estável, um estudo foi encontrado (Leatherdal et al., 2021), onde participantes relataram uma diminuição na qualidade das substâncias, assim como algumas delas serem contaminadas com outras ou químicos desconhecidos desde que a pandemia começou, explicado pela falta de stock de substâncias ilícitas.

5. Confinamentos gerais

Foi criada a categoria confinamentos gerais, onde foram codificados todos os excertos das entrevistas onde os profissionais referem as diferenças entre os confinamentos durante a pandemia. Esta categoria foi dividida em subcategorias para facilitar a leitura e compreensão dos resultados, distinguindo o primeiro confinamento geral do segundo confinamento geral. Esta categoria ajuda a perceber que, ao longo da pandemia, houve momentos diferentes, que tiveram impactos diferentes nos usos de substâncias pelos jovens.

5.1. Primeiro confinamento geral

Um profissional refere que no primeiro confinamento geral os jovens não saíam de casa (eg; *“Claro que no primeiro confinamento correu razoavelmente bem (...), mas pronto, não saíram, não saíram.”* P2). Dois profissionais mencionam que os jovens estavam mais assutados (eg; *“Claro que no primeiro confinamento correu razoavelmente bem, os miúdos estavam aterrados, tão assustadiços, muito assustados (...)”* P2). É mencionado por um participante que no primeiro confinamento os jovens tinham mais cuidado com as pessoas idosas a viver nas suas casas (eg; *“Só quem tinham de facto pessoas idosas em casa é que eu acho que teve alguns comportamentos mais resguardados, foram mais rígidos, sem contacto com o exterior, no primeiro.”* P8). Apesar disso, três profissionais mencionam que os consumos se mantiveram ao longo do confinamento (eg; *“Eu acho interessante que com os jovens que fui falando com*

este tipo de comportamentos, eles mesmo em pandemia e com confinamentos obrigatórios existiram sempre consumos.” P1)

Em concordância com estes resultados, no estudo de Mós (2021), os participantes sentiram diferenças no primeiro confinamento, uma vez que se tratava de uma situação de incerteza, havendo a redução de alguns comportamentos. No entanto, como já foi referido, existiram sempre consumos, reduzindo ou aumentando consoante o tipo de consumo e substância consumida.

5.2. Segundo confinamento geral

Durante o segundo confinamento geral, dois participantes referem que os jovens saíram de casa (eg; *“O segundo, o segundo confinamento, os miúdos começaram a sair.” P3)* e que se encontravam com os amigos para consumir segundo dois profissionais (eg; *“Eles encontravam-se à mesma com os colegas para consumir, eles saíam à mesma de casa para consumir, não é?” P2)*. Um profissional refere ainda que os jovens estavam menos assustados (eg; *“No segundo, as pessoas já sabiam mais ou menos o que era, não é?” P8)*.

A diferenças entres os dois confinamentos gerais não estão documentadas na literatura, sendo uma perspetiva dos profissionais que participaram neste estudo, no entanto, os resultados encontrados não são surpreendentes uma vez que entre estes dois períodos da pandemia começou a haver mais conhecimento acerca da doença, o que não causou o medo generalizado que ocorreu no primeiro confinamento, para além disso, a população estava com mais dificuldade em lidar com as medidas de confinamento, o que causou um desrespeito pelas mesmas.

Conclusões

Tendo em conta que neste estudo se pretendia perceber o impacto da pandemia covid-19 nos consumos de substâncias de jovens com comportamentos delinquentes, os dados permitem chegar a algumas conclusões.

No que diz respeito às substâncias consumidas, a canábis sempre foi a mais consumida pelos jovens mantendo-se assim durante a pandemia. Na perspetiva dos profissionais, após o período de confinamento tem-se assistido até a um aumento de consumos desta substância. Isto pode ser explicado pelas perceções que os jovens têm acerca da perigosidade desta substância e dos mitos associados ao seu uso, o ser chamado “droga leve” não significa que não seja nociva, trazendo consequência principalmente se o consumo for regular e prolongado. O ecstasy e a cocaína que eram substâncias bastante consumidas pelos jovens antes da pandemia,

diminuíram os consumos uma vez que estas são associadas a consumos em contextos recreativos, ou seja, como são substâncias que não são consumidas diariamente, uma vez que os espaços onde estes ocorriam foram obrigatoriamente encerrados devido às restrições da pandemia, os jovens não viam necessidade nesses consumos. Por outro lado, a heroína e o crack, apesar de serem percecionadas como pouco consumidas pelos jovens, estão associadas a perfis de consumo mais dependente, o que explica que os jovens tenham mantido o uso durante a pandemia, para além disso, stressores associados a este período podem tornar os jovens mais vulneráveis ao uso destas substâncias sozinhos.

De acordo com os profissionais entrevistados, a maior parte dos jovens tem consumos ocasionais sendo que estes diminuíram durante a pandemia porque os jovens não se encontram tanto com os seus pares. Por sua vez, aqueles jovens que já consumiam de forma frequente e problemática conseguiram manter os consumos durante a pandemia. Pode-se concluir que os jovens com consumos ocasionais o fazem apenas com os pares, em contexto de socialização, afastando-se de um perfil de dependência. Por outro lado, é provável que para os jovens com um consumo frequente e até problemático, seja mais difícil de cessar os consumos mesmo em confinamento. Estes consumos podem até ser exacerbados por sintomatologia psicológica como ansiedade e depressão, associada à pandemia.

Antes da pandemia, os jovens consumiam principalmente na rua, em bares ou discotecas, uma vez que estes espaços fecharam no decorrer deste período, os consumos passaram a ser mais escondidos, em casas ou cafés clandestinos. De qualquer forma, é de notar que o consumo de canábis por jovens com comportamentos delinquentes não será tão circunscrito aos contextos recreativos, sendo feito presumivelmente nos contextos onde se agrupam, como os bairros sociais. Paralelamente, o mercado de compra e venda de substância adaptou-se sendo que estas ações passaram a ser feitas pela internet, apesar de existir menos acessibilidade. Esta adaptação é presumivelmente fruto do maior policiamento das ruas, em todo o caso, é interessante perceber como o uso de drogas e os comportamentos adjacentes se adaptaram à pandemia.

Pode-se então concluir que o fenómeno dos consumos dos jovens com comportamentos delinquentes durante a pandemia não é algo linear, querendo isto dizer que existem variáveis como as substâncias consumidas, os padrões e contextos de consumo que se interligam entre si e vão influenciar a forma como os jovens consomem. Para além disso, a visão deste estudo sobre os usos de substâncias em jovens com comportamentos delinquentes depende também, em alguns aspetos, da experiência profissional dos participantes. Apesar de haver muitas perspetivas coerentes, aqueles que trabalham mais com a delinquência juvenil parecem menos

centrados nos consumos enquanto problema dos jovens, e os que trabalham na área dos consumos em jovens parecem menos centrados na delinquência. Em todo o caso, e pensando sobretudo que o que queríamos estudar era o impacto da pandemia nos consumos, outras dimensões deste fenómeno só poderão ser conhecidas mais tarde, através de estudos longitudinais.

De notar que esta é também uma boa oportunidade para refletir acerca das políticas relacionadas com os usos de substâncias. Como se demonstrou, apesar da pandemia e dos constrangimentos associados, o mercado das drogas conseguiu adaptar-se. Deste modo, é importante questionar se as políticas não deveriam também ajustar-se, instituindo princípios que garantam que os consumos sejam feitos de forma segura. Apesar de Portugal ser considerado pioneiro nas políticas das drogas, estas poderiam beneficiar de uma revisão, uma vez que as alterações foram feitas há 20 anos atrás e o fenómeno dos usos de substâncias ilícitas encontra-se em permanente mudança, como conseguimos verificar neste estudo.

Em relação às limitações deste estudo, uma delas foi o facto de a recolha de dados ter sido realizada maioritariamente na região centro do país, não sendo representativa da realidade portuguesa referente aos profissionais que lidam consumo de substâncias de jovens, antes e durante a pandemia. Para além disso, e em relação à amostra pode-se considerar como uma limitação a amostra reduzida, sendo composta apenas por oito profissionais e não ser composta por jovens consumidores que trariam uma nova perspetiva acerca dos seus consumos e dos seus comportamentos.

Este estudo dá-nos a possibilidade de refletir e adquirir uma visão complementar daquilo que já se tem vindo a apender sobre os consumos de substâncias ilícitas durante a pandemia covid-19. Para além disso, e uma vez que a amostra é constituída por profissionais de áreas diferentes, foi relevante para a compreensão das várias vertentes deste fenómeno.

Seria interessante uma exploração adicional dos dados, uma vez que foi percebido por alguns participantes que existiam diferenças entre grandes centros urbanos como Porto e Lisboa e localizações mais pequenas, no que diz respeito aos consumos e comportamentos destes jovens. Para além disso, uma vez que este é um tema ainda em estudo e não existem ainda estudos a relacionar consumos e comportamentos desviantes seria interessante aprofundar o conhecimento sobre essa perceção em investigações futuras.

Este estudo pode ser importante para a prática, desde logo porque permite compreender as causas e alterações subjacentes aos consumos durante a pandemia. Este conhecimento pode ser útil para que os profissionais que trabalham com os jovens, em particular jovens com

comportamentos delinquentes, consigam agir perante circunstâncias que possam alterar padrões de consumos, e estarem preparados para uma eventual situação stressora futura.

Referências

- Alarcon, S., & Jorge, M. A. S. (2012). *Álcool e outras drogas: diálogos sobre um mal-estar contemporâneo*. Editora Fiocruz.
- Ammar, A., Chtourou, H., Boukhris, O., Trabelsi, K., Masmoudi, L., Brach, M., ... & ECLB-COVID19 Consortium. (2020). COVID-19 home confinement negatively impacts social participation and life satisfaction: a worldwide multicenter study. *International journal of environmental research and public health*, 17(17), 6237. <https://doi.org/10.3390/ijerph17176237>
- Ausín, B., González-Sanguino, C., Castellanos, M. Á., & Muñoz, M. (2021). Gender-related differences in the psychological impact of confinement as a consequence of COVID-19 in Spain. *Journal of Gender Studies*, 30(1), 29-38. <https://doi.org/10.1080/09589236.2020.1799768>
- Balsa, C. , Vital, C. & Urbano, C. (2018). IV Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral, Portugal 2016/17. [General Population Survey on Drugs Use and Abuse Portugal 2016/17] Lisboa: SICAD. ISBN 978-989-99574-9-7.
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo: Metodologia de Investigação em Psicologia*. Lisboa: Edições 70.
- Bellis, M. & Hughes, K. (2004) “Pociones sexuales. Relación entre alcohol, drogas y sexo”. *Adicciones*, 16, 249-57.
- Benschop, A., Van Bakkum, F., & Noijen, J. (2021). Changing patterns of substance use during the coronavirus pandemic: self-reported use of tobacco, alcohol, cannabis, and other drugs. *Frontiers in psychiatry*, 12, 633551. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2021.633551>
- Bhatia, G., Chatterjee, B., & Dhawan, A. (2021). Adolescents, Drugs, and COVID-19: Special Challenges During the Pandemic. *Indian Journal of Psychological Medicine*, 43(2), 95-99. <https://doi.org/10.1177/0253717621988998>

Blount, W. R., & Dembo, R. (1984). Personal drug use and attitudes toward prevention among youth living in a high risk environment. *Journal of Drug Education*, 14(3), 207-225. <https://doi.org/10.2190/4Q48-M54W-GDU8-TG4V>

Brunelle, N., Brochu, S. & Cousineau, M.-M. (2005). Juvenile drug use and delinquency: Youths' accounts of their trajectories. *Substance use & misuse*, 40, 721–734. <https://doi.org/10.1081/JA-200055404>

Bui, K.V.T., Ellickson, P.L., Bell, R.M., 2000. Cross-lagged relationships among adolescent problem drug use, delinquent behavior, and emotional distress. *J. Drug Issues* 30, 283–303. <https://doi.org/10.1177/002204260003000203>

Capuano, R., Altieri, M., Bisecco, A., d'Ambrosio, A., Docimo, R., Buonanno, D., ... & Gallo, A. (2021). Psychological consequences of COVID-19 pandemic in Italian MS patients: signs of resilience?. *Journal of neurology*, 268(3), 743-750. <https://doi.org/10.1007/s00415-020-10099-9>

Chaloult, L. (1971). Une nouvelle classification des drogues toxicomanogènes. *Toxicomanies*, 4(4), 371-375.

Charmaz, K. (2005). *Constructing Grounded Theory: a practical guide trough qualitative analysis*. SAGE Publications.

Clemens, V., Deschamps, P., Fegert, J. M., Anagnostopoulos, D., Bailey, S., Doyle, M., Eliez, S., Hansen, A. S., Hebebrand, J., Hillegers, M., Jacobs, B., Karwautz, A., Kiss, E., Kotsis, K., Kumperscak, H. G., Pejovic-Milovancevic, M., Christensen, A. M. R., Raynaud, J. P., Westerinen, H., & Visnapuu-Bernadt, P. (2020). Potential effects of “social” distancing measures and school lockdown on child and adolescent mental health. *European Child and Adolescent Psychiatry*, 29(6), 739–742. <https://doi.org/10.1007/s00787-020-01549-w>

Conversano, C., Di Giuseppe, M., Miccoli, M., Ciacchini, R., Gemignani, A., & Orrù, G. (2020). Mindfulness, age and gender as protective factors against psychological distress during Covid-19 pandemic. *Frontiers in psychology*, 11, 1900. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.01900>

Courtney, D., Watson, P., Battaglia, M., Mulsant, B. H., & Szatmari, P. (2020). COVID-19 impacts on child and youth anxiety and depression: Challenges and opportunities. *Canadian Journal of Psychiatry*, 65(10), 688–691. <https://doi.org/10.1177/0706743720935646>

Coutinho, C. P. (2008). A qualidade da investigação educativa de natureza qualitativa: questões relativas à fidelidade e validade. <https://hdl.handle.net/1822/7884>

Czeisler, M. É., Lane, R. I., Petrosky, E., Wiley, J. F., Christensen, A., Njai, R., ... & Rajaratnam, S. M. (2020). Mental health, substance use, and suicidal ideation during the COVID-19 pandemic—United States, June 24–30, 2020. *Morbidity and Mortality Weekly Report*, 69(32), 1049. <https://doi.org/10.15585/mmwr.mm6932a1>

D’Amico, E. J., Edelen, M. O., Miles, J. N., & Morral, A. R. (2008). The longitudinal association between substance use and delinquency among high-risk youth. *Drug and alcohol dependence*, 93(1-2), 85-92. <https://doi.org/10.1016/j.drugalcdep.2007.09.006>

Denzin, N. & Lincoln, Y. (2000). *Handbook of qualitative research* (3rd Edition). Thousand Oaks, California: Sage Publications.

Dias, D. R. S. (2015). Comportamento delinquente e consumo de substâncias psicoativas ilícitas em jovens com inquérito/medida tutelar educativa (Dissertação de Mestrado). <http://hdl.handle.net/10400.14/20483>

Dietze, P. M., & Peacock, A. (2020). Illicit drug use and harms in Australia in the context of COVID-19 and associated restrictions: Anticipated consequences and initial responses. *Drug and alcohol review*, 39(4), 297. <https://doi.org/10.1111/dar.13079>

Digneffe, F., Albarello, L., Hiernaux, J. P., Maroy, C., Ruquoy, D., & Saint-Georges, D. (1997). *Praticas e Metodos de Investigação em Ciências sociais*. DOI: <https://doi.org/10.1503/cmaj.071622>

Duarte, M. Q. et al. COVID-19 e os impactos na saúde mental: uma amostra do Rio Grande do Sul, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, p. 3401-3411, 2020.

Dumas, T. M., Ellis, W., & Litt, D. M. (2020). What does adolescent substance use look like during the COVID-19 pandemic? Examining changes in frequency, social contexts, and pandemic-related predictors. *Journal of Adolescent Health, 67*(3), 354-361. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2020.06.018>

Eaton, D. K., Kann, L., Kinchen, S., Ross, J., Hawkins, J., Harris, W. A., ... & Wechsler, H. (2006). Youth risk behavior surveillance—United States, 2005. *Journal of school health, 76*(7), 353-372. <https://doi.org/10.1111/j.1746-1561.2006.00127.x>

EMCDDA, (2016). ESPAD: Lisboa. ISBN: 978-92-9168-919-4.

EMCDDA. (2021). Impact of COVID-19 on drug markets, use, harms and drug services in the community and prisons. <https://doi.org/10.2810/222454>

Feijão, F. (2010). Epidemiologia do consumo de álcool entre os adolescentes escolarizados a nível nacional e nas diferentes regiões geográficas. *Revista toxicodependências, 16*(1), 29-46.

Fergus, S., & Zimmerman, M. A. (2005). Adolescent resilience: A framework for understanding healthy development in the face of risk. *Annu. Rev. Public Health, 26*, 399-419. <https://doi.org/10.1146/annurev.publhealth.26.021304.144357>

Fernandes, L. & Carvalho, M. (2005). Consumos problemáticos de drogas em populações ocultas. Lisboa: Instituto da Droga e da Toxicodependência

Figueiredo, R. (2002). Abordagem de redução de danos para uso e abuso de drogas. In R. Figueiredo, *Prevenção ao abuso de drogas em acções de saúde e educação* (pp. 5- 6). Diadema: Nepaids.

Ford, J.A., 2005. Substance use, the social bond, and delinquency. *Sociol. Inq. 75*, 109–128. <https://doi.org/10.1111/j.1475-682X.2005.00114.x>

Friedman, R. A. (2006). The changing face of teenage drug abuse—the trend toward prescription drugs. *New England Journal of Medicine, 354*(14), 1448-1450. <https://doi.org/10.1056/NEJMp068010>

Gili, A., Bacci, M., Aroni, K., Nicoletti, A., Gambelunghe, A., Mercurio, I., & Gambelunghe, C. (2021). Changes in drug use patterns during the COVID-19 pandemic in Italy: monitoring a vulnerable group by hair analysis. *International journal of environmental research and public health*, 18(4), 1967. <https://doi.org/10.3390/ijerph18041967>

Gordon, M. S., Kinlock, T. W., & Battjes, R. J. (2004). Correlates of early substance use and crime among adolescents entering outpatient substance abuse treatment. *The American Journal of Drug and Alcohol Abuse*, 30(1), 39-59. <https://doi.org/10.1081/ADA-120029865>

Griffen, K. W., Botvin, G. J., Epstein, J. A., Doyle, M. M., & Diaz, T. (2000). Psychosocial and behavioral factors in early adolescence as predictors of heavy drinking among high school seniors. *Journal of Studies on Alcohol*, 61, 603–606. <https://doi.org/10.15288/jsa.2000.61.603>

Imtiaz, S., Wells, S., Rehm, J., Hamilton, H. A., Nigatu, Y. T., Wickens, C. M., ... & Elton-Marshall, T. (2021). Cannabis use during the COVID-19 pandemic in Canada: a repeated cross-sectional study. *Journal of addiction medicine*, 15(6), 484. <https://doi.org/10.1097/ADM.0000000000000798>

Jemberie, W. B., Stewart Williams, J., Eriksson, M., Grönlund, A. S., Ng, N., Blom Nilsson, M., ... & Lundgren, L. M. (2020). Substance use disorders and COVID-19: multi-faceted problems which require multi-pronged solutions. *Frontiers in psychiatry*, 11, 714. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2020.00714>

Knowles, L. J. (2021). The impact of COVID-19 on youth offending (Doctoral dissertation, University Of Hull). <https://doi.org/10.51952/9781447351474.ch008>

Leatherdale, S. T., Bélanger, R. E., Gansaoané, R. J., Patte, K. A., deGroh, M., Jiang, Y., & Haddad, S. (2021). Examining the impact of the early stages of the COVID-19 pandemic period on youth cannabis use: adjusted annual changes between the pre-COVID and initial COVID-lockdown waves of the COMPASS study. *BMC Public Health*, 21(1), 1-10. <https://doi.org/10.1186/s12889-021-11241-6>

Leslie, K. (2008). Alcohol and drug use among teenagers. *Cmaj*, 178(2), 149-149. <https://doi.org/10.1503/cmaj.071622>

Manso, D. S. S.; MATOS, M. G. Depressão, ansiedade e consumo de substâncias em adolescentes. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, v. 2, n. 1, p. 73-84, 2006. ISSN 1982-3746

McCarthy, M., Homel, J., Ogilvie, J., & Allard, T. (2021). Initial impacts of COVID-19 on youth offending: An exploration of differences across communities. *Journal of Criminology*, 00048658211005816. <https://doi.org/10.1177/00048658211005816>

Merriam, S. B., & Tisdell, E. J. (2015). *Qualitative research: A guide to design and implementation*. John Wiley & Sons.

Mongan, D., Galvin, B., Farragher, L., Dunne, M., & Nelson, M. (2020). Impact of COVID-19 on drug services in four countries. Health Research Board, Ireland.

Moreno, C., Wykes, T., Galderisi, S., Nordentoft, M., Crossley, N., Jones, N., ... & Arango, C. (2020). How mental health care should change as a consequence of the COVID-19 pandemic. *The Lancet Psychiatry*. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(20\)30307-2](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(20)30307-2)

Mós, M. S. (2021). Um possível retrato da relação entre a COVID-19 e o fenómeno das drogas (Dissertação de Mestrado).

Mukherjee, U. (2021). Atividades Organizadas de Lazer/Children's Organised Leisure Activities. UMinho Editora. DOI <https://doi.org/10.21814/uminho.ed.36>

Narvaez, J., Pechansky, F., Jansen, K., Pinheiro, R. T., Silva, R. A., Kapczinski, F., & Magalhães, P. V. (2015). Quality of life, social functioning, family structure, and treatment history associated with crack cocaine use in youth from the general population. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 37, 211-218. <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2014-1494>

Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência (2019). Relatório Anual 2019 – A evolução do fenómeno da droga na Europa.

Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência (2021). Relatório Anual 2021 – A evolução do fenómeno da droga na Europa.

Palamar, J. J., & Acosta, P. (2020). Virtual raves and happy hours during COVID-19: new drug use contexts for electronic dance music partygoers. *International Journal of Drug Policy*, 102904. <https://doi.org/10.1016/j.drugpo.2020.102904>

Peixoto, V. R. F. D., Vieira, A. A. M., Aguiar, P., Sousa, P., & Abrantes, A. V. (2020). “Timing”, adesão e impacto das medidas de contenção da COVID-19 em Portugal.

Price, O., Man, N., Bruno, R., Dietze, P., Salom, C., Lenton, S., ... & Peacock, A. (2022). Changes in illicit drug use and markets with the COVID-19 pandemic and associated restrictions: findings from the ecstasy and related drugs reporting system, 2016–20. *Addiction*, 117(1), 182-194. <https://doi.org/10.1111/add.15620>

Ribeiro, E. A. (2008). A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. *Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais, Araxá/MG*, 4(5), 129-148

Ritchie, J., Lewis, J., Nicholls, C. M., & Ormston, R. (Eds.). (2013). *Qualitative research practice: A guide for social science students and researchers*. sage.

Roberts, A., Rogers, J., Mason, R., Siriwardena, A. N., Hogue, T., Whitley, G. A., & Law, G. R. (2021). Alcohol and other substance use during the COVID-19 pandemic: A systematic review. *Drug and alcohol dependence*, 229, 109150. <https://doi.org/10.1016/j.drugalcdep.2021.109150>

Rogés, J., Bosque-Prous, M., Colom, J., Folch, C., Barón-Garcia, T., González-Casals, H., ... & Espelt, A. (2021). Consumption of Alcohol, Cannabis, and Tobacco in a Cohort of Adolescents before and during COVID-19 Confinement. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(15), 7849. <https://doi.org/10.3390/ijerph18157849>

Roy, E., Boudreau, J.F., Leclerc, P., Boivin, J.F., Godin, G., 2007. Trends in injection drug use behaviors over 10 years among street youth. *Drug Alcohol Depend.* 89, 170–175. <https://doi.org/10.1016/j.drugalcdep.2006.12.025>

Sarvey, D., & Welsh, J. W. (2021). Adolescent substance use: Challenges and opportunities related to COVID-19. *Journal of Substance Abuse Treatment*, 122, 108212. <https://doi.org/10.1016/j.jsat.2020.108212>

Scalia, L. A. M et al. Mental health, spirituality and alternative practices for coping with health professionals in the face of the COVID-19 pandemic. *International Journal for Innovation Education and Research*, v. 8, n. 8, p. 466-471, 2020.

Schmidt, B. et al. Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: a quarentena na COVID-19-orientações e estratégias de cuidado. 2020. <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/42360>

SICAD (2017). Relatório Anual: A situação do país em matéria de drogas e toxicod dependência.

SICAD, (2018). Definition of Illicit Substances.

Silva, T. J. C. (2012). *Trajectórias de usos de drogas e experiências de consumo problemático na juventude* (Dissertação Mestrado).

Sussman, S., McCuller, W. J., & Dent, C. W. (2003). The associations of social self-control, personality disorders, and demographics with drug use among high-risk youth. *Addictive Behaviors*, 28(6), 1159-1166. [https://doi.org/10.1016/S0306-4603\(02\)00222-8](https://doi.org/10.1016/S0306-4603(02)00222-8)

Taylor, S., Paluszek, M. M., Rachor, G. S., McKay, D., & Asmundson, G. J. (2021). Substance use and abuse, COVID-19-related distress, and disregard for social distancing: A network analysis. *Addictive Behaviors*, 114, 106754. <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2020.106754>

van den Bree, M.B.M., Pickworth, W.B., 2005. Risk factors predicting changes in marijuana involvement in teenagers. *Arch. Gen. Psychiatry* 62, 311–319. <https://doi.org/10.1001/archpsyc.62.3.311>

Vicario, M. I. & Romero, A. M. (2005). Consumo de drogas en la adolescência. *Pediatr Integral*, 9(2), 137-155.

Wojciechowski, T. (2021). Relevance of the dual systems model for predicting drug/alcohol dependence in early adulthood among previously adjudicated young adults. *Drug and Alcohol Dependence*, 226, 108876. <https://doi.org/10.1016/j.drugalcdep.2021.108876>

Zaami, S., Marinelli, E., & Vari, M. R. (2020). New trends of substance abuse during COVID-19 pandemic: an international perspective. *Frontiers in Psychiatry*, 11, 700. <https://doi.org/10.3389/fpsyt.2020.00700>

Zeferino, M. T. et al. Consumo de drogas entre estudantes universitários: família, espiritualidade e entretenimento moderando a influência dos pares. *Texto & Contexto-Enfermagem*, v. 24, n. SPE, p. 125-135, 2015. <https://doi.org/10.1590/0104-07072015001150014>

ANEXOS

Anexo 1 – Consentimento Informado

CONSENTIMENTO / ASSENTIMENTO INFORMADO

O projeto JUST COVID19, financiado pelo Centro de Investigação para o Desenvolvimento Humano da Universidade Católica Portuguesa (UCP), em parceria com o projeto YO&JUST em curso na Universidade NOVA de Lisboa (UNL), tem como objetivo conhecer as mudanças implementadas pelo Sistema de Justiça Juvenil Português no âmbito da pandemia Covid19, e os seus impactos, a partir das perspetivas de profissionais que trabalham com jovens com comportamentos de risco e/ou com medidas de proteção e medidas tutelares educativas. A sua experiência é muito importante, por isso gostávamos que a partilhasse connosco através da participação numa entrevista individual.

Eu, abaixo-assinado, compreendi as informações e explicações que me foram dadas sobre este projeto, bem como em que consiste a minha participação no mesmo.

Fui informado que as entrevistas serão gravadas em áudio (apenas o som).

Foi-me assegurado que as informações recolhidas são totalmente anónimas e confidenciais, e que posso aceder às mesmas a qualquer momento para as alterar ou eliminar.

Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias e obtive resposta satisfatória para todas.

Além disso, foi-me afirmado que tenho direito de recusar a minha participação no projeto a qualquer momento, sem justificação e sem que isso possa causar-me qualquer prejuízo.

Por isso, consinto participar neste projeto.

Data: ___ / ___ / ___

(assinatura)

Anexo 2 – Grelha de categorias

1. Substâncias					
2ª geração de categorias	3ª geração de categorias	Descrição	Exemplos dos dados	Nº de Documentos	Nº de referências
1.1. Canábis/haxixe	1.1.1. Mais consumida pelos jovens antes da pandemia	A canábis é percecionada como a substância mais consumida pelos jovens antes da pandemia.	<i>“O que nós sabemos é que entre os jovens, não é, a canábis é a substância de longe, a substância ilícita, de longe, mais consumida(...)”</i>	5	9
	1.1.2. Menos alterações durante a pandemia	Substância percebida como aquela que sofreu menos alterações em termos de consumo na pandemia.	<i>“Mas há diferenças consoante as substâncias, então, a substância que sofreu menos alterações no sentido da diminuição foi a canábis.”</i>	1	1
	1.1.3. Mais consumida pelos jovens durante a pandemia	A canábis foi percecionada como sendo a substância mais consumida pelos jovens durante a pandemia.	<i>“A substância ilícita mais consumida é a canábis que é mais consumida usualmente e também durante a pandemia.”</i>	3	3

	1.1.4. Associada a consumos sociais	Esta substância é vista como associada a consumos sociais entre os jovens.	<i>“A canábis também está muito ligada à socialização(…)”</i>	1	1
	1.1.5. Aumento de casos de consumo	Existe a perceção de um aumento de casos de consumo no decorrer da pandemia.	<i>“E tenho tido mais casos de consumos, sim, haxixe, sobretudo não é.”</i>	1	1
1.2. Ecstasy	1.2.1. Consumo significativo pelos jovens antes da pandemia	Nesta categoria é apresentada a perceção dos profissionais que o ecstasy era uma substância que muitos jovens consumiam antes da pandemia.	<i>“Eventualmente também, e em alguns contextos acredito que haja bastante consumo ou algum consumo significativo também de substâncias tipo ecstasy e associadas, mais em contexto de festas.”</i>	2	2
	1.2.2. Consumo associado a contextos recreativos	Esta substância é associada pelos profissionais a consumos em contextos recreativos.	<i>“Depois, em segundo lugar vem a cocaína e o ecstasy, nomeadamente entre a população jovem, muito direccionada a contextos, portanto, um consumo que tem predominantemente lugar em contextos</i>	3	3

			<i>recreativos e em momentos de sociabilidade.”</i>		
	1.2.2. Consumos diminuíram durante a pandemia	Nesta categoria é apresentada a percepção dos profissionais que o consumo de ecstasy diminuiu na pandemia.	<i>“Até o ecstasy, e aí o ecstasy eu creio que neste caso, a percentagem dos jovens que diminuem o consumo até é maior do que do que a que mantém, eu acho que é tipo metade dos jovens diminuiu, declara que diminuiu o consumo de ecstasy.”</i>	2	3
1.3. Cocaína	1.3.1. Consumo significativo pelos jovens antes da pandemia	A cocaína é percebida pelos profissionais como uma substância bastante consumida pelos jovens antes da pandemia.	<i>“Depois, em segundo lugar vem a cocaína e o ecstasy, nomeadamente entre a população jovem.”</i>	1	1
	1.3.2. Consumo associado a contextos recreativos	O consumo de cocaína é percebido como sempre feito principalmente em contextos recreativos.	<i>“Depois, em segundo lugar vem a cocaína e o ecstasy, nomeadamente entre a população jovem, muito direcionada a contextos, portanto, um consumo que tem predominantemente lugar em contextos</i>	1	1

			<i>recreativos e em momentos de sociabilidade.”</i>		
	1.3.3. Consumos diminuíram durante a pandemia	Nesta categoria é apresentada a percepção dos profissionais que o consumo desta substância diminuiu na pandemia.	<i>“Depois, em segundo lugar vem a cocaína e o ecstasy (...) e portanto, previsivelmente, pelo menos na fase inicial da pandemia, quando houve aqueles confinamentos e a restrição da atividade económica e destes, da associação, previsivelmente, terá diminuído.”</i>	2	2
	1.3.4. Menor acesso à substância durante a pandemia	Os profissionais admitem existir menos acessibilidade à cocaína durante o período pandémico.	<i>“(…) mas heroína, cocaína, são coisas que tiveram menos acesso e que eles próprios decidiram reduzir depois a frequência.”</i>	1	1
1.4. Heroína	1.4.1. Substância pouco consumida pelos jovens	A heroína é considerada pelos profissionais como uma substância pouco consumida pelos jovens.	<i>“Este padrão de consumo de heroína e de crack é muito pronto, é pequena e comparado em comparação com o resto dos grupos etários (...)”</i>	1	1

	1.4.2. Consumos mantiveram durante a pandemia	O consumo de heroína manteve-se ao longo da pandemia.	<i>“Este padrão de consumo de heroína e de crack é muito pronto, é pequena e comparado em comparação com o resto dos grupos etários, mas no fundo, como exemplo de padrões de consumo potencialmente mais problemáticos foi precisamente relativamente a estas duas substâncias que houve mais manutenção, não é, que não houve alterações.”</i>	1	1
	1.4.3. Consumos diminuíram durante a pandemia	Os consumos desta substância diminuíram durante a pandemia, segundo os profissionais.	<i>“(…) mas heroína, cocaína, são coisas que tiveram menos acesso e que eles próprios decidiram reduzir depois a frequência.”</i>	1	1
	1.4.4. Menor acesso à substância durante a pandemia	A acessibilidade a esta substância foi percebida como diminuída durante o período da pandemia.	<i>“(…) mas heroína, cocaína, são coisas que tiveram menos acesso e que eles próprios decidiram reduzir depois a frequência.”</i>	1	1
1.5. Crack	1.5.1. Substância pouco	O crack é percebido pelos profissionais como	<i>“Este padrão de consumo de heroína e de crack é muito pronto, é pequena e</i>	1	1

	consumida pelos jovens	uma substância pouco consumida pelos jovens.	<i>comparado em comparação com o resto dos grupos etários (...)</i>		
	1.5.2. Consumos mantiveram durante a pandemia	Os consumos de crack mantiveram ao longo da pandemia, segundo os profissionais.	<i>“Este padrão de consumo de heroína e de crack é muito pronto, é pequena e comparado em comparação com o resto dos grupos etários, mas no fundo, como exemplo de padrões de consumo potencialmente mais problemáticos foi precisamente relativamente a estas duas substâncias que houve mais manutenção, não é, que não houve alterações.”</i>	1	1
1.6. Anfetaminas	1.6.1. Consumos diminuíram durante a pandemia	Os consumos de anfetaminas diminuíram durante o período da pandemia.	<i>“Também o consumo de anfetaminas são as duas, os dois tipos de produtos que os jovens mais mencionam a redução do consumo, mas de todo o modo como já disseram.”</i>	1	1

2. Padrões de consumo					
2ª geração de categorias	3ª geração de categorias	Descrição	Exemplos de dados	Nº de Documentos	Nº de Referências

2.1. Consumos ocasionais	2.1.1. Maior parte dos jovens com consumo pontual	Nesta categoria percebe-se que os profissionais acreditam que a maior parte dos jovens tem um padrão de consumo pontual.	<i>“Se de facto mantém um consumo ocasional ao fim de semana ou então é uma coisa que semanalmente acontece sempre aí já tenho as minhas dúvidas de qualquer forma nas situações que eu atendi não me parece que sejam situações com muita intensidade ou com uma regularidade de consumo tão intensa assim, é uma coisa mais ocasional mais pontual ou mesmo que tenha alguma regra é uma regra de algum espaçamento de festas de fins de semanas com amigos coisas desse género. Eu diria que é pontual, é pontual.”</i>	4	5
	2.1.2. Consumo associado a contextos recreativos	Na perspetiva dos profissionais, a maior parte dos jovens tem um consumo ocasional associado a contextos recreativos.	<i>“Exato, mas se calhar é mais pontual, não é, mais das festas e consomem quando vão aos festivais.”</i>	4	4

	2.1.3. Consumos diminuíram durante a pandemia	Os consumos ocasionais associados a contextos recreativos diminuíram durante a pandemia.	<i>“Se calhar de uma forma geral os jovens que só saíam à noite ao sábado e que durante a semana até cumpriam tudo e que havia ali, como nós sabemos, consumos pontuais e exageros pontuais durante a semana, se calhar nesses houve uma diminuição porque não vão sair, não vão para esses ambientes.”</i>	2	5
2.2.Consumos frequentes	2.2.1. Consumos graves	Existem alguns jovens com consumos com frequência diária preocupante.	<i>“Aqui o que é que nós encontramos nos miúdos que me caem em consulta, eu tenho quer aqueles que mantêm consumos com uma regularidade até preocupante, estou a pensar em miúdos que consomem todos os dias, alguns até consomem mesmo independentemente do que têm para fazer e antes de ir para a escola”</i>	2	2
	2.2.2. Consumos mantiveram	Os consumos frequentes mantiveram durante a pandemia.	<i>“Agora naqueles casos que realmente já eram graves, a minha perspetiva é que eles conseguiram manter esses consumos.”</i>	2	3

	durante a pandemia				
	2.2.3. Consumos aumentaram durante a pandemia	Jovens com consumos intensivos aumentaram estes durante a pandemia.	<i>“Um dos subgrupos em que a probabilidade de aumentar o consumo era maior, era precisamente aqueles que já tinham previamente consumos mais intensivos e já tinham tido problemas mesmo relacionados com o consumo.”</i>	1	3

3. Locais e contextos de consumo					
2º geração de categorias	3ª geração de categorias	Descrição	Exemplos de dados	Nº de Documentos	Nº de Referências
3.1. Locais de consumo	3.1.1. Rua como espaço frequente de consumos antes da pandemia	A rua é vista pelos profissionais como o espaço que os jovens mais frequentemente consomem.	<i>“Juntam-se mais todos num sítio, estão mais na rua não estão tão protegidos, andam mais a pé.”</i>	1	1
	3.1.2. Consumos em espaços mais privados durante a pandemia	Durante o período pandémico, os jovens	<i>“O que eu achei é que o consumo passou a ser mais em casa dos amigos do que na rua, porque eram</i>	2	4

		passaram a consumir em espaços mais privados.	<i>facilmente apanhados portanto passou a ser um consumo mais escondido, as pessoas estavam mais enfiadas em casa por causa de todas as limitações.”</i>		
	3.1.3. Consumos em cafés mantiveram mas à porta fechada	Existiam cafés que se mantiveram abertos ilicitamente apesar das restrições e os jovens consumiam lá.	<i>“E, portanto, eu decidi manter, porque ficaram muito desorganizados no primeiro confinamento, as pessoas mantiveram os seus consumos, mantiveram os seus encontros em casa uns e doutros, havia cafés que continuavam a trabalhar nas caves, mesmo estando interdito do lado de fora.”</i>	1	1
3.2. Contextos de consumo	3.2.1. Predominantemente em contextos recreativos	Os contextos de consumo dos jovens são predominantemente recreativos.	<i>“Hoje parece-me que aquilo que é mais prevacente é mesmo a questão do consumo para a festa não é sempre foi um bocadinho consumir para estar com os amigos e tudo mais mas</i>	3	4

			<i>podia ser num contexto mais tranquilo, uma coisa mais calma hoje em dia, a questão de associar festa e consumo parece-me muito marcada.”</i>		
3.2.2. Consumos diminuíram durante a pandemia	Os consumos dos jovens principalmente recreativos diminuíram na pandemia.	<i>“(…), um consumo que tem predominantemente lugar em contextos recreativos e em momentos de sociabilidade e portanto, previsivelmente, pelo menos na fase inicial da pandemia, (….) previsivelmente, terá diminuído.”</i>	1	1	
3.2.3. Encontravam-se fechados	Os consumos recreativos diminuíram durante a pandemia porque os locais de consumo se encontravam fechados.	<i>“(…), um consumo que tem predominantemente lugar em contextos recreativos e em momentos de sociabilidade e portanto, previsivelmente, pelo menos na fase inicial da pandemia, quando houve aqueles confinamentos e a restrição da atividade económica e destes, da</i>	1	1	

			<i>associação, previsivelmente, terá diminuído.”</i>		
--	--	--	--	--	--

4. Mercado					
2ª geração de categorias	Descrição	Exemplos de dados	Nº de Documentos	Nº de referências	
4.1.Mercado adaptou-se	O mercado adaptou-se às limitações de circulação.	<i>“E o mercado também se adaptou, também se adaptou a estas necessidades.”</i>	3	3	
4.2.Menos acessibilidade	Durante a pandemia a acessibilidade às substâncias diminuiu.	<i>“Diminuiu a acessibilidade e diminui, obviamente, a frequência do consumo.”</i>	2	2	
4.3.Drogas menos adulteradas	A pandemia fez com que as drogas fossem menos adulteradas.	<i>“Acho que com a pandemia, alguns ficaram um bocadinho mais seletivos, portanto, nas suas escolhas, no que compram e a quem e não houve tanta acessibilidade, tanta porcaria, não é, drogas tão adulteradas como dantes.”</i>	1	1	

5. Confinamentos gerais					
2ª geração de categorias	3ª geração de categorias	Descrição	Exemplos de dados	Nº de Documentos	Nº de referências

5.1. Primeiro confinamento geral	5.1.1. Jovens não saíram de casa	Durante o primeiro confinamento geral os jovens mantiveram-se em casa.	<i>“Claro que no primeiro confinamento correu razoavelmente bem, os miúdos estavam aterrados, tão assustadiços, muito assustados e nem iam pôr lixo à rua que era uma coisa que eles adoram, vão pôr o lixo e nunca mais voltam, só no dia seguinte, mas pronto, não saíram, não saíram.”</i>	1	1
	5.1.2. Jovens mais assustados	Durante o primeiro confinamento geral os jovens encontravam-se mais assustados.	<i>“Claro que no primeiro confinamento correu razoavelmente bem, os miúdos estavam aterrados, tão assustadiços, muito assustados</i>	2	2
	5.1.3. Mais cuidado com as pessoas mais velhas	Os jovens tinham mais cuidado com as pessoas mais velhas, não saindo de casa.	<i>“Só quem tinham de facto pessoas idosas em casa é que eu acho que teve alguns comportamentos mais resguardados, foram mais rígidos, sem contacto com o exterior, no primeiro.”</i>	1	1
5.2. Segundo confinamento geral	5.2.1. Jovens saíram de casa	No segundo confinamento geral os jovens começaram a sair de casa.	<i>“O segundo, o segundo confinamento, os miúdos começaram a sair.”</i>	2	2

	5.2.2. Jovens encontraram-se com os amigos para consumir	Durante o segundo confinamento geral os jovens encontraram-se com os amigos para o consumo de substâncias.	<i>“Eles encontravam-se à mesma com os colegas para consumir, eles saíam à mesma de casa para consumir, não é?”</i>	2	2
	5.2.3. Jovens menos assutados	Durante o segundo confinamento geral os jovens estavam menos assutados.	<i>“No segundo, as pessoas já sabiam mais ou menos o que era, não é?”</i>	1	1